

# O sentimentalismo generalizado de Adam Smith. Espanto e ordem na História da Astronomia

*Adam Smith's generalized sentimentalism.  
Wonder and order in the History of Astronomy*

Leonardo André Paes-Müller\*  
UFABC

[lapmuller@gmail.com](mailto:lapmuller@gmail.com)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8934-8000>

Recebido em: 07/06/21

Aceito em: 06/12/22

## Resumo

A partir da leitura da introdução da *História da Astronomia*, o presente artigo propõe uma generalização do sentimentalismo moral de Adam Smith, tal qual apresentado e defendido na *Teoria dos sentimentos morais*, onde as distinções morais têm sua origem na sensibilidade. Nessa obra póstuma, Smith aponta que o sentimento do espanto (*wonder*) está na base do discernimento das distinções que organizam taxonomias e permitem o encadeamento de séries explicativas, de modo a formar teorias a respeito do funcionamento do mundo (moral e natural). A análise proposta foca no modo como as duas operações básicas de síntese, comparação e conjectura, que sustentam esse processo, estão enraizadas no espanto. Também discute-se as condições sociais que permitem o aparecimento e o desenvolvimento do espanto e em que sentido a noção de ordem que resulta desse sentimento pode ser qualificada de liberal.

**Palavras-chave:** sentimentalismo; espanto; ordem; comparação; conjectura; iluminismo escocês.

## Abstract

*In the Theory of Moral Sentiments, Adam Smith presents the core idea of a moral sentimentalism: sensibility is the source of moral distinctions. The present paper argues that in the introduction to the History of Astronomy Smith offers a generalized version of this moral sentimentalism, based on the operations of the sentiment of wonder. Wonder grounds the two basic synthetic operations in Smith's philosophy, comparison and conjecture, allowing for the construction of taxonomies and explanation series. The paper also discusses the social conditions that allow wonder to appear and develop and in what sense the resulting notion of order can be qualified as liberal.*

**Keywords:** sentimentalism; wonder; order; comparison; conjecture; Scottish Enlightenment.

\* O autor agradece aos colegas do laboratório *A imaginação econômica* e aos dois pareceristas anônimos da revista. Quaisquer erros são de inteira responsabilidade do autor

## Introdução

Adam Smith (1723-1790) é mais conhecido hoje como o autor de uma das obras fundadoras da ciência econômica, *Uma investigação sobre a natureza e as causas da riqueza das nações* (1776) e, em menor grau, como o autor de uma obra maior da filosofia moral do século XVIII, *A teoria dos sentimentos morais* (1759). Dentre suas obras conta ainda um conjunto de ensaios, publicados postumamente, os *Ensaios filosóficos*<sup>1</sup> (1793), formado pelos seguintes textos: *História da astronomia*, *História da física antiga*, *História da lógica e metafísica antigas*, *Sentidos externos*, *Sobre a imitação* e *Da afinidade entre música, dança e poesia*.<sup>2</sup>

Desde a publicação da edição crítica das obras completas de Smith, organizada pela Universidade de Glasgow e publicada pela Oxford University Press (1976-1982), a importância desses ensaios vem sendo destacada e o modo como eles dialogam com o restante da obra smithiana vem sendo analisado de modo mais abrangente e sistemático.<sup>3</sup> O objeto do presente artigo é o trecho que serve de introdução à *História da astronomia*, onde Smith apresenta uma definição de filosofia e o que ele denomina de princípios que conduzem e dirigem a investigação filosófica, a saber os sentimentos de surpresa, espanto e admiração.

O presente artigo é composto por 7 seções além dessa introdução. Na seção 2 discutimos o tipo de sentimentalismo moral de Smith e sugerimos que ele não se restringe apenas a esse campo. Na seção 3 apresentamos a definição de filosofia de Smith e os tipos de síntese empregados por ele. Na seção 4 analisamos o sentimento de surpresa. Na seção 5, o sentimento de espanto e os dois tipos de ordenamento (taxonômico e serial) que essa paixão enseja. Na seção 6, o sentimento de admiração pelo sistema daí resultante. Na seção 7 discutimos as condições sociais necessárias (segurança, lei e ordem) para que esses sentimentos possam guiar as investigações filosóficas. Finalmente, na seção 8, discutimos em que sentido essa concepção de filosofia poderia ser qualificada de liberal.

## 1 Um sentimentalismo generalizado

Smith é um dos principais nomes do que se convencionou chamar de Iluminismo escocês (COUSIN, 1857; WASZEK, 1988, 2003; BROADIE, 1997 e 2003; BERRY, 1997, 2013 e 2018, CERQUEIRA, 2006b). Além do recorte nacional, há pelo menos um traço que permite agrupar pensadores tão díspares quanto Francis Hutcheson, David Hume, James Dunbar, Adam Smith, William Robertson, Adam Ferguson e alguns outros: a recusa em buscar na razão o móbil fundamental do comportamento humano. Como aponta Christopher Berry:

James Dunbar afirmava que seres humanos são seres sociais muito antes de serem racionais. [...] A afirmação de que seres humanos são sociais antes de serem racionais significa que é literalmente absurdo [preposterous] explicar a vida social humana como o produto da razão, entendida aqui como o processo de cálculo. (BERRY, 2018, p.75 – tradução minha)

O próprio Smith enfatiza esse aspecto no capítulo da *Teoria* intitulado "Dos sistemas que fazem do sentimento o princípio de aprovação", grupos no qual constam a filosofia de seu mestre Francis Hutcheson, a de seu amigo David Hume e a sua própria.<sup>4</sup> Dois traços as unem: 1. a recusa em ver na razão o princípio

1 As edições empregadas são da edição crítica das obras completas de Smith: *Theory of Moral Sentiments* (1976a; 1999); *Wealth of Nations* (1976b; 2003); *Essays on Philosophical Subjects* (1980; 2020).

2 A edição brasileira recente dos *Ensaios filosóficos* (2020) traz, além desses textos, as duas cartas de Smith aos editores da *Edinburgh Review* (1755-56), as *Considerações sobre a primeira formação das línguas* (texto de 1761) e um esboço do início da *Riqueza das nações* (datação incerta). Ainda que não fizessem parte do caderno que Smith poupou do fogo (ver Stewart, in SMITH, 1980, p. 269-351), a adição desses textos à coletânea enriquece o volume, ademais, bem traduzido.

3 Campbell (1971); Raphael (1979); Brown (1994); Skinner (1996); Griswold (1999); Bizziou (2003); Fleischacker (2004); Haakonssen (2006); Cerqueira (2006); Schliesser (2017); Berry (2018) são algumas obras que analisam esses textos.

4 No livro VI da *Teoria*, Smith contrapõe essa tradição dos sentimentos morais a, de um lado, o egoísmo moral, de outro, o racionalismo (1976a, p. 314-321). Contra o egoísmo, Smith insiste que a simpatia não pode a ele ser reduzida. Contra o

que opera as distinções morais e 2. a afirmação da sensibilidade como o princípio dessas distinções:

O prazer e a dor são os grandes objetos de desejo e de aversão; mas estes não se distinguem racionalmente, mas por sentidos e sentimentos imediatos. Se a virtude, pois, é desejável por si mesma, e se, do mesmo modo, o vício é objeto de aversão, não pode ser a razão, mas sentidos e sentimento imediatos o que originalmente distingue essas diferentes qualidades.<sup>5</sup> (SMITH, 1976a, p.320; 2020, p.398)

Estamos em condições de traçar a tese básica do que podemos denominar de sentimentalismo moral, compartilhado por Hutcheson, Hume e Smith: as distinções morais têm sua origem na sensibilidade. Segundo Smith, o que singularizaria Hutcheson é a suposição do senso moral como um poder especial de percepção, como um sexto sentido, ao lado dos cinco sentidos externos. Ao contrário, para Hume e Smith “não é necessário supor a existência de um novo poder de percepção [...], pois,] a natureza opera neste, como em todos os outros casos, com a mais rigorosa economia, produzindo uma multidão de efeitos de uma e mesma causa”, a simpatia<sup>6</sup> (SMITH, 1976a, p. 321; 1999, p. 399). Não é surpresa que a simpatia apareça como o operador privilegiado dessa sociabilidade pré-racional própria à humanidade postulada pelos escoceses. Como a *Teoria* irá analisar à exaustão, a simpatia (o estabelecimento de uma semelhança analógica entre a emoção primária, do agente, e a emoção secundária, do espectador) é o resultado de um sofisticado mecanismo imaginário (de colocação do espectador na posição do agente e vice-versa) capaz de gerar no sujeito simpático (que pode estar na posição de espectador ou de agente) uma “paixão reflexa/refletida [*reflected passion*]” (SMITH, 1976a, p. 22) que concorda (ou não) com a paixão original. Ao contrário de Hume, Smith sustenta que a percepção dessa concordância é um segundo passo necessário do funcionamento do mecanismo imaginário-simpático e é sempre prazerosa (SMITH, 1976a, p. 13-16; ver também a reposta de Smith a Hume na segunda edição da obra, 1976a, p. 46, nota de rodapé). Esse postulado (a associação entre percepção da concordância afetiva e sensação prazerosa) é o ponto de partida de seu sistema moral, constituído por quatro tipos de juízos de aprovação (conveniência, mérito, dever e beleza de utilidade) que Smith propõe em lugar do senso moral de Hutcheson<sup>7</sup> (SMITH, 1976a, p. 326; para uma análise sistemática da teoria moral de Smith, ver PAES-MÜLLER, 2022). Mas não apenas desse sistema. No restante desse artigo buscaremos mostrar como essa problemática também aparece no campo epistemológico, mais especificamente, na introdução da *História da Astronomia*. Em realidade, a leitura conjunta desses textos nos permitirá formular a hipótese inversa: a compreensão smithiana da simpatia é um caso particular da problemática mais geral apresentada nesse texto póstumo e, analogamente, o sentimentalismo moral é um caso particular de um sentimentalismo generalizado, que encontraria no campo epistemológico uma formulação, sob alguns aspectos, mais geral e mais fundamental.

---

racionalismo, na precedência da apreciação sensória – de modo geral, Smith compreende a razão como a faculdade responsável pela indução de regras gerais a partir de casos particulares e de julgamento de casos particulares a partir dessas regras (PAES-MÜLLER, 2022, caps.1 e 5).

- 5 A tradução brasileira não é tão precisa quanto poderia ser: “Pleasure and pain are the great objects of desire and aversion: but these are distinguished not by reason, but by immediate sense and feeling. If virtue, therefore, be desirable for its own sake, and if vice be, in the same manner, the object of aversion, it cannot be reason which originally distinguishes those different qualities, but immediate sense and feeling” (SMITH, 1976a, p. 320). A tradução de *feeling* por sentimento não me parece inteiramente adequada, uma vez que Smith entende por sentimento o resultado do processo de socialização dessas reações sensoriais individuais. Em minha leitura, sentimento é um afeto socializado e pode ser contraposto a esses “immediate sense and feeling” – a rigor, sentimentos tem como base essa a reação sensorio-corpórea, mas são sempre mediados, geralmente pela simpatia, mas não só (ver PAES-MÜLLER, 2022, p. 72-77).
- 6 Aos olhos de Smith, o problema com a concepção de simpatia de Hume é que ela confunde simpatia pela “beleza de utilidade”, ou mais corretamente, pela “beleza que a aparência de utilidade confere” (título dos capítulos da parte IV): o sistema de Hume “faz a virtude residir na utilidade [...]”. Trata-se do mesmo princípio pelo qual aprovamos uma máquina bem engendrada” (SMITH, 1976a, p. 406-07).
- 7 Uma questão importante que não discutiremos nesse artigo, diz respeito ao estatuto da imediateidade dessas reações. Em especial, essas reações sensoriais são inatas? Sobre essa questão ver Jaffro (2000).

## 2 Filosofia e síntese

Tomemos a definição do termo filosofia que Smith oferece ao final de seção 3 da introdução à *História da astronomia*:

Filosofia é a ciência dos princípios conectores da natureza. Ante a mais ampla experiência que a observação comum pode alcançar, a natureza parece abundante em eventos que se mostram solitários e incoerentes com tudo o que os precede, o que, consequentemente, embaraça a fluência do movimento da imaginação, fazendo que as suas ideias se sucedam umas às outras, por assim dizer, por arrancos e ímpetos irregulares, o que, por seu turno, tende, em certa medida, a introduzir as confusões e perturbações já mencionadas. A Filosofia, ao representar os encadeamentos invisíveis que ligam todos aqueles objetos desconexos, busca introduzir ordem nesse caos de aparência discrepantes e incompatíveis, atenuar o tumulto da imaginação e reconduzi-la, quando observa as grandes revoluções do universo, ao tom de tranquilidade e compostura que, além de ser em si mesmo mais agradável, é o mais adequado à sua natureza.<sup>8</sup> (SMITH, 1980, p. 45; 2020, p. 206-07).

De acordo com essa fórmula, a filosofia tem como objeto privilegiado as operações de síntese. No sistema de Smith, elas são três: comparação, conjectura e analogia. No presente artigo analisaremos apenas as duas mais fundamentais, a comparação e a conjectura – a analogia consiste em uma comparação entre dois sistemas, isto é, entre dois arranjos conjecturais.<sup>9</sup> Essas operações remontam à imaginação, entendida como uma faculdade ou capacidade de que a espécie humana dispõe<sup>10</sup> – o que é explicitamente afirmado, por exemplo, no segundo parágrafo da Teoria (SMITH, 1976a, p. 9).

Tomemos a explicação de Smith a respeito do exemplo mais bem acabado de sistema de compreensão da natureza no século XVIII, o sistema newtoniano, capaz de unificar o movimento dos astros e a queda dos corpos a partir de um único princípio explicativo, a gravitação universal. É, ele também, uma invenção da imaginação. Não se trata de um sistema qualquer, mas um sistema extremamente persuasivo, e

mesmo nós, que nos esforçamos em representar todos os sistemas filosóficos como meras invenções da imaginação que de outro modo permaneceriam desconexos e discordantes, fomos insensivelmente atraídos por ele, a usar a linguagem que expressa os princípios de reunião desse sistema, como se eles fossem as verdadeiras correntes que a natureza utiliza para juntar suas muitas operações. (SMITH, 1980, p. 105; 2020, p. 290)

Essa força de atração que impele o autor da *História da astronomia* a confundir a ordem da teoria com

8 No original: “Philosophy is the science of the connecting principles of nature. Nature [...] seems to abound with events which appear solitary and incoherent with all that go before them, which therefore disturb the easy movement of the imagination [...]. Philosophy, by representing the invisible chains which bind together all these disjointed objects, endeavours to introduce order into this chaos of jarring and discordant appearances, to allay this tumult of the imagination, and to restore it, when it surveys the great revolutions of the universe, to that tone of tranquillity and composure, which is both most agreeable in itself, and most suitable to its nature” (SMITH, 1980, p. 45-6).

9 Smith articula uma série ampla de analogias: línguas-máquinas-sistemas-divisão do trabalho-sociedade-organismo: a linguagem dos sentidos é análoga à linguagem comum, que é análoga à uma máquina (SMITH, 1983, p. 223), que é análoga a um sistema (SMITH, 1980, p. 66) e à divisão do trabalho (SMITH, 1976b, p. 19-22). Em outro registro, as leis ligadas à virtude da justiça deveriam funcionar como as regras da gramática, ao passo que as regras das demais virtudes, como regras do bom gosto (SMITH, 1976a, p. 175). Em seu ápice, a filosofia de Smith se baseia no manejo adequado dessas analogias, todas elas construídas a partir dessa dupla síntese da imaginação.

10 Na introdução de A filosofia crítica de Kant, Deleuze distingue dois significados para esse termo na segunda metade do século XVIII: modo de relação entre sujeito e objeto (de onde as faculdades de conhecer, de desejar e o sentimento do prazer e da dor) e origem da representação (de onde os três tipos de representação e suas fontes: intuição-sensibilidade, conceito-entendimento e ideia-razão) (DELEUZE, 2000, p. 9-18). Smith emprega o termo nesses dois sentidos: no primeiro, quando tematiza as faculdades morais (SMITH, 1976a III.4.8; VII.iii.3.8-9); no segundo, quando trata, por exemplo da imaginação como uma faculdade (SMITH, 1976a I.i.1.2).

a ordem do mundo, a tomar a estrutura do sistema imaginário pela estrutura do mundo, pode ser explicada pelos princípios que guiam as investigações filosóficas. Em realidade, o sistema newtoniano, enquanto ápice e ponto de chegada da história narrada nesse texto, é o exemplo mais bem acabado de sistema construído a partir desses princípios. É o que aponta o título completo da obra: *Princípios que conduzem e dirigem a investigação filosófica, ilustrados pela história da astronomia*.

### 3 Surpresa e expectativa

Quais são esses princípios? Vejamos o primeiro parágrafo do texto:

Espanto, surpresa e admiração são palavras que, embora se confundam, denotam em nossa língua sentimentos de fato próximos, mas também diferentes em alguns respeitos, e, portanto, distintos. O sentimento que a rigor se denomina espanto é excitado em nós pelo que é novo e singular; o inesperado excita surpresa; o grandioso ou belo, admiração. (SMITH, 1980, p. 33; 2020, p. 187)

Smith os apresenta nos três parágrafos seguintes. O espanto é uma reação a objetos extraordinários e incomuns, sejam eles raros ou frequentes, inesperados ou não. A surpresa é uma reação a coisas que vemos com frequência, mas que não esperávamos encontrar onde as encontramos. Por fim, a admiração é uma reação a objetos belos ou imponentes (*beauty, greatness*), independentemente da situação ou de nossa expectativa (SMITH, 1980, p. 33; 2020, p. 187-88). Em suma, tratam-se, respectivamente, dos “sentimentos excitados pelo que é novo, pelo que é inesperado, e pelo que é grandioso e belo” (SMITH, 1980, p. 34; 2020, p. 189). Um mesmo objeto pode suscitar mais de um desses sentimentos ao mesmo tempo, situação na qual eles “se fortalecem e vivificam-se mutuamente” (*ibidem*).

Smith começa pela surpresa. Sempre que algo esperado surge, a reação emocional será gradual e suave [...], sem violência, dor ou dificuldade. Ao contrário, quando o objeto é inesperado, a paixão precipita-se num repente, muitas vezes de modo violento e convulsivo – precipitação que pode causar a morte ou o êxtase, afetando assim “a unidade [*whole frame*] da imaginação” (SMITH, 1980, p. 34; 2020, p. 190). No fundo, “a natureza da surpresa consiste na mudança violenta e súbita produzida sobre o espírito [*mind*] quando, repentinamente, nela se introduz uma emoção qualquer” (SMITH, 1980, p. 35; 2020, p. 191). Reparem que essa definição implica que a surpresa não deve ser considerada como uma emoção original, mas reflexa e secundária, uma emoção que surge a partir de outra emoção.<sup>11</sup> Por isso, a natureza do objeto inesperado é menos importante que o estado de espírito daquele que sente a emoção. Particularmente complicadas são as “surpresas alegres quando a mente está imersa em pesar, ou pesarosas quando se encontra arrebatada pela alegria” (*ibidem*). De modo geral, “todas as paixões são mais violentas quando extremos opostos se sucedem” (SMITH, 1980, p. 36; 2020, p. 193). Dois são os casos relevantes: uma surpresa agradável a alguém triste, e uma surpresa desagradável a alguém alegre. Para Smith o primeiro caso é mais perigoso porque “o coração converge para a alegria com uma elasticidade natural, abandonando-se à agradável emoção”, ao passo que, com o pesar, “o coração se retrai e resiste às primeiras aproximações dessa paixão desagradável que leva algum tempo” até que esse objeto cause o seu efeito. Daí porque “a mudança produzida por uma surpresa alegre é mais súbita, e por isso mesmo mais violenta e capaz de ter efeitos mais fatais do que os ocasionados pela surpresa pesarosa”<sup>12</sup> (SMITH, 1980, p. 36; 2020, p. 192-93). No fim das contas, para Smith seria menos perigoso anunciar a alguém a morte de um parente do que um prêmio na loteria, por exemplo.

11 Como visto na primeira seção, Smith tematiza as “paixões reflexas/refletidas” em sua *Teoria* a partir da discussão de sua conveniência (*propriety*) (SMITH, 1976a, p. 22), isto é, dentro de uma análise sobre os fundamentos das distinções morais. Outro indício que pode ser lido no sentido de apontar que o problema fundamental da filosofia moral smithiana é um caso particular do modo de operar distinções.

12 Isso apesar da menor pungência das sensações prazerosas: “seja do espírito ou do corpo, a dor é uma sensação mais pungente do que o prazer” (SMITH, 1976a, p. 44; 1999, p. 52).

Um ponto sobre o qual a análise da surpresa lança luz é a importância do encadeamento das ideias: para que eu espere algo, que eu crie uma expectativa a propósito do surgimento de um objeto em particular, é preciso que eu tenha, de algum modo, estabelecido uma sequência ou uma cadeia na qual esse objeto é um dos elos. Cadeias que serão construídas a partir da ação do espanto.

#### 4 Espanto e ordem

Começemos pela palavra empregada por Smith: *wonder*. Trata-se de um termo de complicada tradução dentre outras coisas porque, como outros substantivos em língua inglesa, ele pode ser utilizado como verbo, forma na qual possui duas peculiaridades:

1) denota uma interrogativa;

2) a respeito de uma conjectura precisa: *whoever wonders* se interroga, se pergunta, inquire a respeito de algo delimitado.

Não há um correspondente direto para ele na língua portuguesa. Utilizamos espanto, mas espantar-se não traz consigo o mesmo engajamento da curiosidade que o verbo *wonder* porta; maravilhar-se está muito mais próximo da admiração do que desse questionamento a respeito de uma conjectura precisa; por sua vez, inquirir-se não possui correspondente substantivo adequado no campo sentimental, é intelectual demais. Essa questão terminológica está longe de ser um detalhe, uma vez, como veremos, Smith faz do *wonder* o motor das investigações filosóficas. Apesar dessas ressalvas, vamos seguir a tradução brasileira e utilizar o termo espanto.

A primeira das duas teses fundamentais do sentimentalismo generalizado de Smith pode ser assim enunciada: o espanto dirige a atividade de síntese que conduz à construção de sistemas, seja essa atividade metódica (filosófica e científica) ou não, sejam esses sistemas concretos (máquinas) ou imaginários (teorias). O espanto consiste em uma espécie de mal-estar perante dois tipos de ausência de ligação, de síntese: o primeiro diz respeito a objetos singulares de difícil classificação, o segundo à ausência de conexão ou a percepção de uma ordem incomum na passagem entre dois fenômenos. A segunda tese fundamental do sentimentalismo generalizado se encontra na passagem que abre a sessão sobre o espanto:

É evidente que a mente se apraz em observar as semelhanças que se pode descobrir entre diferentes objetos. É por meio de tais observações que ela procura organizar e metodizar todas as suas ideias ao reduzi-las a classes e grupos apropriados.<sup>13</sup> (1980, p. 37-38; 2020, p.195)

Smith assume essa tese como evidente e a postula sem maiores discussões. Em uma fórmula: sentimos prazer ao constatar a semelhança entre objetos diferentes.<sup>14</sup> Esse é o primeiro passo. O segundo passo é o seguinte: ao estabelecer semelhanças também estabelecemos diferenças, e isso é feito através de comparações. Isso nos leva a um terceiro passo: a partir dessas relações de semelhança e diferença, organizamos os objetos comparados em classes e sortes. Refaçamos as etapas ao inverso: Smith está nos dizendo, 3. que a classificação dos objetos está baseada em relação de semelhança e diferença, 2. que essas relações são estabelecidas pela nossa comparação 1. a partir do prazer que sentimos ao perceber as semelhanças. Os três passos são importantes, mas o decisivo é o primeiro: Para Smith todas as classificações e taxonomias criadas pelos seres humanos estão fundadas, em última instância, na apazibilidade da constatação da semelhança, isto é, em nossa sensibilidade (e não no entendimento ou na razão).

13 No original: "It is evident that the mind takes pleasure in observing the resemblances that are discoverable betwixt different objects. It is by means of such observations that it endeavours to arrange and methodise all its ideas, and to reduce them into proper classes and assortments" (SMITH, 1980, p. 37-38).

14 O que vale, inclusive, para a constatação da semelhança entre duas emoções. Essa é a formulação mais geral do princípio basilar da *Teoria*, que a simpatia mútua é sempre prazerosa (ver seção 2, acima).

Mas ainda falta algo, o quarto passo, mais precisamente, o elemento capaz de estabilizar essas classificações e taxonomias, o nome:

Onde quer que a mente observe pelo menos uma qualidade comum a uma grande variedade de objetos, por mais diversos que estes sejam em outros respeito, essa circunstância será suficiente para conectá-los, reduzi-los a uma classe comum e chamá-los por um nome geral.<sup>15</sup> (SMITH, 1980, p. 38; 2020, p. 195)

A observação de traços semelhantes é o ponto de partida da construção de classificações e taxonomias, das mais simples às mais complexas, cada classe, gênero, espécie, tipo ou sorte recebendo o seu devido nome. É o que ocorre por exemplo, na taxonomia animal de Lineu: “Assim todas as coisas dotadas de poder de movimento voluntário, sejam feras, pássaros, peixes ou insetos, são classificadas sob a denominação geral de animal.” (ibidem). O sentimentalismo smithiano tem, como condição de estabilidade, a nomeação das diferentes classes de objetos: “Uma espécie é formada por certo número de objetos com algum grau de semelhança entre si, e que por isso são denominados por um mesmo nome que pode ser aplicado para exprimir qualquer um deles” (SMITH, 1983, p. 205; 2020, p. 47).

Um equívoco a ser evitado aqui consiste em pensar que estaríamos lidando com um tipo especial de sensibilidade, exclusividade de cientistas e filósofos. Ao contrário, em uma passagem famosa no início da *Riqueza*, Smith postula a homogeneidade no que diz respeito às capacidades dos indivíduos:

Na verdade, a diferença de talentos naturais entre os homens é muito menor do que pensamos, e a grande diferença de talentos que parece distinguir homens de diferentes profissões, quando atingem a maturidade, em muitos casos não é tanto causa como o efeito da divisão do trabalho. A diferença entre os caracteres [*characters*] mais diferentes, entre um filósofo e um carregador, por exemplo, parece dever menos à natureza do que ao hábito, aos costumes e à educação. Quando vieram ao mundo, e durante os primeiros sete ou oito anos de sua existência, talvez fossem muito parecidos, e nem os pais nem os amigos podiam perceber alguma diferença notável. Por volta dessa idade, ou pouco depois, vieram a se ocupar de atividade muito diferentes. A diferença de talentos, que então começa a se fazer notar, aos poucos se amplia, até que por fim a vaidade do filósofo o impede de reconhecer alguma semelhança. (SMITH, 1976b, p. 28; 2003, p. 21)

O tema é o mesmo que estamos analisando: o reconhecimento da semelhança e da diferença. O mesmo processo de comparação e de constatação de semelhanças que estamos analisando nesse trecho da *História* está em jogo na análise da divisão do trabalho e das diferenças entre os talentos individuais, um dos temas de abertura da *Riqueza* e que, como veremos, perpassa a obra de Smith. No fundo, a análise da divisão do trabalho e de suas consequências envolve o estabelecimento das diferentes espécies de profissões e de profissionais – mas que não se transformam em diferentes espécies de seres humanos por causa disso. Para Smith, a humanidade se caracteriza por um duplo processo de especificação:

1. especialização em uma atividade particular, especificação profissional,
2. concomitante à constituição do eu, de um self, cujos interesses guiam o processo de interação social.

15 A concepção smithiana de linguagem é desenvolvida nas *Considerações sobre a primeira formação das línguas*, texto publicado originalmente em 1761 e que, a partir da terceira edição da Teoria, de 1767, passou a ser republicado como apêndice a essa obra. A esse respeito, Smith se aproxima das vertentes filosóficas do que à época era conhecido como gramática geral ou razoada (principalmente Hume e Condillac): “Aprovo enfaticamente o seu plano de Gramática razoada e estou convencido de que uma obra desse gênero, executada com sua habilidade e dedicação, poder ser não apenas o melhor Sistema de Gramática como também o melhor Sistema de Lógica jamais escrito em qualquer língua, bem como a melhor História do progresso natural da mente humana na formação das mais importantes abstrações de que todo raciocínio depende” (Carta de 07/02/1763; in SMITH, 2020, p. 77, nota 11).

Para Smith, seres humanos se assemelham em sua capacidade de se diferenciar uns dos outros, de se individualizar, capacidade que é desenvolvida conforme esses seres interagem uns com os outros. Em sua filosofia, a ordem social própria à humanidade é uma ordem de indivíduos singularizados.<sup>16</sup>

Da justaposição dessas passagens é possível inferir que a diferença entre um historiador natural e alguém que desconhece essa ciência é meramente de grau:

Quanto mais avançamos em conhecimento e experiência, maior é o número de divisões e subdivisões de gêneros e espécies que somos propensos e mesmo obrigados a fazer. Observamos, então uma maior variedade de particularidades entre coisas que possuem uma semelhança geral, e, ao fazer novas divisões de acordo com as particularidades recém-observadas, muitas vezes não nos satisfazemos mais com a capacidade de referir um objeto a um gênero remoto ou a uma classe muito geral de coisas [...]. Com efeito, uma pessoa que desconhece botânica pode esperar satisfazer sua curiosidade ao contar-vos que tal vegetal é uma erva, ou, em termos ainda mais gerais, que é uma planta. Mas um botânico não daria nem aceitaria essa resposta. (SMITH, 1980, p. 38; 2020, p. 195-96)

Entre um leigo em botânica e uma criança que se satisfaz em distinguir as coisas em duas categorias, a das substâncias sólidas, a qual ela chama de coisas, ou à classe das aparências, a que ela chama de não coisas,<sup>17</sup> a diferença é menor do que entre esses dois e o botânico que “já desbastou e dividiu aquela ampla classe de objetos em uma multidão de agrupamentos inferiores” (ibidem). Entre a criança e o leigo, de um lado, e o botânico, de outro, se encontra o cultivo do espanto.

Em resumo, tudo o que nos ocorre, seja o que for, somos propensos a referir a alguma espécie ou classe de coisas com as quais as primeiras tenha uma semelhança [...]. Mas quando algo muito novo e singular se apresenta, sentimo-nos incapazes de fazê-lo. (SMITH, 1980, p.38-39; 2020, p. 196-97)

O espanto é a reação despertada pela incapacidade de localizar esse algo novo e singular, a emoção gerada por essa indecisão, o mal-estar provocado por essa indeterminação:

Essa flutuação, e a busca em vão, juntamente com a emoção ou movimento dos espíritos que estas provocam, constituem o sentimento propriamente chamado de espanto, que causa aqueles olhar fixo, e por vezes, aquele revirar de olhos, aquela suspensão do fôlego e aquele fremência do coração que todos podemos observar em nós mesmos ou nos outros quando nos espantamos com algum objeto novo. Tais são os sintomas naturais do pensamento incerto e indeterminado. (SMITH, 1980, p. 39; 2020, p. 197)

Para explicitá-lo, Smith emprega, mais uma vez, o exemplo do botânico:

Com que curiosa atenção um naturalista examina uma planta singular ou um fóssil singular que lhe apresentam! [...] E quando considera todas as diferentes tribos ou espécies que conhece, todas se recusam a admitir o novo objeto em seu grupo. [...] Ele se esforça para conectá-la com alguma dessas [espécies]. [...] Se não conseguir fazê-lo, nunca a abandonará isolada; antes alargará, por assim dizer, os limites de alguma espécie para acomodá-la, ou então criará uma nova espécie com o propósito de recebê-la [...]. De qualquer modo,

16 Esse tema foge ao escopo desse artigo, mas, a rigor, caberia falar não apenas em especificação, mas também em caracterização: “The peculiar character and manners which we are led by custom to appropriate to each rank and profession, [...]” (SMITH, 1976a, p. 202). Sobre a noção de caráter na teoria da virtude de Smith, ver Hanley (2009).

17 O papel da noção de substância como sustentáculo dos dados fornecidos pelos sentidos externos, assim como para o estabelecimento da distinção entre experiência externa e interna são temas desenvolvidos em *Sentidos externos*.

deve referir a novidade a uma classe qualquer de objetos conhecidos e encontrar uma ou outra semelhança entre estes e aquela antes que possa se livrar do espanto, da incerteza e da curiosidade ansiosa excitada pela sua aparência singular ou sua dissimilitude para com os objetos já observados. (SMITH, 1980, p. 39-40; 2020, p. 198).

Esse primeiro tipo de espanto só se aquietará quando esse novo objeto estiver devidamente classificado em um sistema taxonômico, o que exige que ele tenha sido comparado, que tenha tido suas semelhanças e diferenças sistematicamente avaliadas em relação aos membros das espécies anteriormente estabelecidas. O primeiro tipo de síntese operado pela imaginação é, pois, o resultado dessa atividade de comparação.

Ao seu lado, porém, há um segundo tipo de síntese, baseado na construção imaginária de séries ordenadas de fenômenos, para a qual sugiro o nome de conjectura.

Quando se observa amiúde que dois objetos [...] se sucedem um ao outro e se apresentam constantemente aos sentidos naquela ordem, eles passam a ser conectados na imaginação [...]. Como as ideias se movem mais rapidamente que os objetos externos, a imaginação constantemente os precede e, portanto, antecipa todo evento que ocorre conforme o curso ordinário das coisas. Quando os objetos se sucedem uns aos outros na mesma sequência [...] eles se harmonizam com o curso natural da imaginação [...] de modo que não haja] interrupção, parada, lacuna ou intervalo. (SMITH, 1980, p. 40-41; 2020, p. 199-200)

Aqui, a interrupção dessa conexão costumeira, o aparecimento de um ou mais objetos numa ordem completamente diferente daquela a que a imaginação se acostumou e para a qual está preparada, gera um segundo tipo de espanto associado ao aparecimento de um ordenamento irregular, ou a uma sucessão incomum desses fenômenos.

Primeiro nos surpreendemos pelo caráter inesperado do novo fenômeno, e, quando essa emoção momentânea passa, ainda nos perguntamos como ela pôde ocorrer naquela situação. A imaginação já não sente a facilidade usual para passar de um evento para o seguinte. [...] O movimento ou curso natural com que a fantasia procedia é pausado ou interrompido. Os dois eventos parecem permanecer afastados um do outro. A fantasia se empenha em agrupá-los, mas eles se recusam a se unir. É então que ela sente, ou imagina sentir algo como uma lacuna ou intervalo entre eles, e naturalmente hesita, e como que se detém à beira desse intervalo. Esforça-se para encontrar algo que possa preencher a lacuna, algo que, como uma ponte, possa ao menos provisoriamente unir aqueles objetos aparentemente distantes, de modo a tornar a passagem do pensamento de um ao outro suave, natural e fácil. (SMITH, 1980, p. 41-42; 2020, p. 200-01).

Esse trecho é fascinante por diversos motivos.

Primeiro, porque ilustra a hesitação e a indeterminação típicas ao espanto.

Segundo, porque faz isso a partir do emprego de técnicas narrativas. Como a análise do espanto do botânico já havia indicado, ao longo de toda sua obra, Smith faz um largo uso de dispositivos narrativos, isso porque a expressão de qualquer emoção apenas adquire sentido ao ser colocada num contexto particular (uma lágrima, por exemplo, pode significar tanto alegria quanto tristeza), o que pode ser alcançado através de sua articulação numa narrativa (a lágrima escorre pelo rosto de uma menina cujo sorvete acabou de cair no chão).<sup>18</sup>

Terceiro, narrativa que nos convida a tomar parte da história, a nos imaginar como vivendo essas mesmas etapas, oscilando entre a constatação do intervalo e as tentativas de superá-lo. ‘Convite’ ao espectador,

18 Sobre essa questão na filosofia moral de Smith ver Mckenna (2006), Greiner (2012), Paraschas (2013). Mais uma vez, um tema visto como moral, mas que reaparece no tratamento de um tema não moral.

ouvinte ou leitor que será explorado à exaustão na *Teoria dos sentimentos morais*.<sup>19</sup>

Quarto, ele encaminha a solução a esse segundo tipo de espanto:

A suposição de um encadeamento de eventos intermediários que, embora invisíveis, articulem os dois fenômenos à parte e, ao mesmo tempo, sucedam uns aos outros numa série semelhante àquela em que a imaginação está acostumada a mover-se, tal é a única ponte que pode, por assim dizer, suavizar a passagem da imaginação de um objeto ao outro. (SMITH, 1980, p. 42; 2020, p. 201)

Como já aponte, sugiro o nome de conjectura para essa ligação, em princípio hipotética, mas que pode ser sucessivamente corrigida e acabar se tornando o próprio curso natural da imaginação. Explorando a metáfora smithiana: essa ponte, em princípio improvisada, mas que, após inúmeras reformas, tornou-se parte indispensável da infraestrutura da cidade que cresceu ao seu redor.

Dois objetos conectados desse modo deixam de parecer desconexos, e a imaginação desliza suave e facilmente entre eles. Tal é natureza dessa segunda espécie de espanto, resultante de uma sucessão incomum de coisas. A essência dessa emoção consiste na pausa imposta ao curso da imaginação, na dificuldade que ela encontra em transitar pelos objetos desconexos, em como na impressão da existência de uma lacuna ou intervalo entre eles. Diante da clara descoberta de uma cadeia de eventos intermediários a uni-los, tal emoção se dissipa inteiramente. (SMITH, 1980, p. 42; 2020, p. 202)

É óbvio que há conjecturas que não tem como ser corrigidas, tendo de ser completamente abandonadas – para ficarmos nos exemplos citados na *História*, a teoria cartesiana dos vértices serve de exemplo de ponte para a qual não há conserto possível (SMITH, 1980, p. 92-98; 2020, p. 271-79).

A lição que gostaria de enfatizar é que comparação e conjectura são os dois tipos de ligação que tem na imaginação a sua origem. Ao contrário de sistemas racionalistas, que buscam fundar as operações de síntese próprias ao conhecimento humano no entendimento ou na razão, Smith assume que é a imaginação, guiada pelo prazer advindo da observação da semelhança, a origem da atividade sintética própria à teoria e, como veremos na sequência, também à prática dos seres humanos. Invertendo os termos, para Smith a imaginação é a faculdade que compara e conjectura. A questão a esse respeito passa a ser, então, como compreender a espontaneidade da imaginação enquanto faculdade sintética.

Dois tipos de espanto e investigação que organizam duas etapas do trabalho científico: especificação e encadeamento a partir de princípios cada vez mais gerais. Desse segundo tipo de *wonder* surge a segunda tarefa, propriamente filosófica, que consiste em unificar os tipos e cadeias a partir de princípios cada vez mais gerais – como vimos na citação de abertura à seção 2.

Ressaltemos dois pontos importantes: 1) o desenvolvimento científico/filosófico serve para apaziguar ou satisfazer um tipo específico de sentimento, o espanto, o wonder, em suas duas versões, o que acaba por resultar em um ordenamento da experiência e 2) a filosofia como um todo “pode ser vista como uma das artes que dizem respeito à imaginação” (SMITH, 1980, p. 46; 2020, p. 207), e não diretamente à razão. Um efeito colateral desse fato, é que as exigências de coerência e completude lógicas não são relevantes em si mesmas, mas apenas na medida em que servem para gerar um sistema capaz de apaziguar essa inquietude e curiosidade próprias ao espanto.<sup>20</sup>

19 É o tema da simpatia, entendida por Smith como o resultado de nossa capacidade de nos imaginarmos na situação de outras pessoas.

20 Daí porque hipóteses e teorias equivocadas podem perdurar por bastante tempo (como a teoria dos vórtices de Descartes), basta que seus princípios sejam familiares à imaginação (SMITH, 1980, p. 96). Convém notar que essa falta de verossimilhança (probability) com a realidade pode perdurar na filosofia natural, mas não na filosofia moral: “A system of natural philosophy may appear very plausible, and be for a long time very generally received in the world, and yet have no foundation

O resultado desse processo progressivo de apaziguamento do espanto é um sistema ordenado que se desdobra em dois momentos complementares, 1) de especificação 2) a partir de um princípio geral. É isso que lemos a propósito da apresentação da filosofia natural e moral na *Riqueza*:

Foi nos rudes ensaios para um sistema de filosofia da natureza que se viu, pela primeira vez, nesses tempos antigos, a beleza de uma disposição sistemática das diferentes observações, associadas mediante um pouco princípios. Algo semelhante se tentou fazer mais tarde com a moral. As máximas da vida comum foram dispostas [*arranged*] numa certa ordem metódica, e relacionadas entre si por alguns princípios comuns, do mesmo modo com haviam ensaiado dispor e relacionar [*arrange and connect*] os fenômenos da natureza. A ciência que pretende investigar e explicar esses princípios associativos é o que propriamente se chama de filosofia moral. (SMITH, 1976b, p. 769; 2003 p. 973-74)

Esse trecho aponta o que separa o leigo do botânico: um método sistemático de arranjo, isto é, a busca por um ordenamento a partir de um único (ou de poucos) princípio(s) geral(is).<sup>21</sup>

## 5 Admiração e sistema

Chegamos assim ao último sentimento que guia e dirige as investigações filosóficas, a admiração perante tal arranjo ou disposição organizada dos fenômenos. Sistemas que Smith não hesita em qualificar de belos e grandiosos, cuja observação nos é, igualmente, prazerosa. Entramos aqui em um dos temas mais analisados da obra de Smith, o amor de sistema (*love of system*).<sup>22</sup> Uma análise sistemática desse tema transformaria esse artigo em um livro. O que nos interessa apontar aqui é a posição central que esse tema assume para o sentimentalismo de Smith. O problema é mais facilmente exposto no campo moral: o antirracionalismo escocês impede nosso filósofo de atribuir qualquer papel motivante aos produtos do raciocínio. Uma ideia não pode, sob hipótese alguma, motivar uma ação por conta própria, apenas paixões impulsionam atos. Parte da solução está na interação entre sensibilidade e imaginação: como vimos, surpresa e espanto são sentimentos que articulam encadeamentos de ideias, criando séries esperadas e ordenadas de percepções, que podem ser confirmadas ou refutadas por experiência futuras.

Sob o nome de amor de sistema Smith descreve um tipo peculiar de encaixe da sensibilidade e da imaginação, no qual o indivíduo se encontra apaixonado por um sistema – não por um sistema particular, mas por qualquer sistema. Smith é extremamente cuidadoso para evitar qualquer tipo de descrição do conteúdo desses sistemas, mantendo sua análise no plano estrito de suas características formais: o que atrai não é a utilidade

---

in nature, nor any sort of resemblance to the truth. The vortices of Des Cartes were regarded by a very ingenious nation, for near a century together, as a most satisfactory account of the revolutions of the heavenly bodies. [...] But it is otherwise with systems of moral philosophy, and an author who pretends to account for the origin of our moral sentiments, cannot deceive us so grossly, nor depart so very far from all resemblance to the truth” (SMITH, 1976a, p. 313-4). Parece-me que, nas interações sociais, a natureza reflexiva das paixões é destacada (através do prazer da simpatia mútua) de modo a não ser possível sustentar uma argumentação inteiramente equivocada por muito tempo. Por isso os tratados morais de Aristóteles e Cícero podem ainda ser considerados “úteis e agradáveis” (SMITH, 1976a, p. 329).

21 Em uma crítica velada à teoria da justiça de Hume (que aponta a utilidade como o único princípio), Smith sugere que é possível levar longe demais essa busca por um princípio único: “Upon a superficial view, this cause seems sufficient to produce the effects which are ascribed to it; and the system of human nature seems to be more simple and agreeable when all its different operations are in this manner deduced from a single principle” (SMITH, 1976a, p. 87). Ao contrário, a sua teoria da justiça tem dois princípios, ressentimento e utilidade (SMITH, 1976a, p. 85-92), assim como a sua teoria econômica, exposta na *Riqueza das nações*, a divisão do trabalho e a acumulação de capital (SMITH, 1976b, p. 9).

22 Isso por, ao menos, dois motivos: primeiro, porque esse é um tema a respeito do qual Smith afirma que sua teoria é original (SMITH, 1976a, p. 180) e, segundo, porque ele afirma que esse tipo peculiar de paixão influencia nosso comportamento não apenas em relação a objetos frívolos, mas “it is often the secret motive of the most serious and important pursuits of both private and public life” (SMITH, 1976a, p. 181), inclusive a busca por riqueza (SMITH, 1976a, p. 183) e poder (SMITH, 1976a, p. 185). Boas análises podem ser encontradas em Griswold (1999); Fleischacker (2004); Rassmussen (2008); Schliesser (2017); Rodrigues (2017) e Diatkin (2019).

do objeto, mas a “aparência de utilidade”, o “ajuste exato de meios para a obtenção” de fins, independentemente de quais fins sejam esses (SMITH, 1976a, p. 179). Para Smith, seres humanos possuem uma estranha fascinação pelo arranjo de elementos que se articulam, pelo relacionamento mútuo das partes de um sistema, de modo a frequentemente não pouparem esforços na busca por arranjos mais eficazes e eficientes. Para o presente debate, o ponto que nos importa é que a observação desses sistemas bem ajambrados (repetimos: de qualquer sistema, isto é, um arranjo bem articulado de partes) é aprazível: “Sentimos prazer em contemplar a perfeição de tão belo e grandioso sistema” (SMITH, 1976a, p. 185; 1999, p. 227). Como vimos no primeiro parágrafo da História, o nome do sentimento que tem na grandeza e na beleza os seus objetos é admiração.

Podemos então, finalmente, retomar o trajeto seguido até aqui a partir do exemplo do naturalista, cuja dinâmica do trabalho da imaginação na atividade taxonômica pode ser assim resumida: um zoólogo que avista um animal até então desconhecido se surpreenderá (*surprise*) com o inesperado; conforme pesquisa mais e se acostuma com seu novo objeto de pesquisa a surpresa dá lugar ao espanto e seu trabalho passa a ser o de buscar e enumerar as semelhanças capazes de encaixá-lo da melhor maneira possível no quadro taxonômico (dependendo do animal, pode ser necessário alterar esse quadro para comportá-lo); uma vez encaixado, a série está novamente completa e o espanto se esgota; sobra apenas a admiração pelo sistema taxonômico que daí resulta (SMITH, 1980, p. 38-9). O mesmo vale para a série conjectural criada em resposta ao segundo tipo de espanto, nas quais essas pontes vão sendo progressivamente reformadas, as conjecturas sucessivamente rearranjadas a partir de princípios mais gerais e capazes de englobar cada vez mais fenômenos. A *História da astronomia* propriamente dita consiste precisamente nisso, na narrativa desses sucessivos rearranjos a propósito dos fenômenos celestes, desde a Grécia antiga até Newton, sempre guiados pelo espanto e pela admiração de indivíduos em tudo semelhantes aos demais espécimes humanos, exceto na posição por eles ocupada na divisão do trabalho.

## 6 Lei e segurança

A seção III da Introdução da *História*, intitula-se “Da origem da filosofia”. A seção anterior, que acabamos de analisar, termina destacando essa busca por princípios da parte de filósofos e cientistas:

Na verdade, os filósofos sempre à procura de um encadeamento de objetos invisíveis para unir eventos com os quais todo mundo está familiarizado, são os únicos que se esforçam para descobrir um encadeamento desse tipo entre dois eventos [o pão e a subsistência da vida humana], assim como para conectar, através de um desses encadeamentos intermediários, a gravidade, a elasticidade, e mesmo a coesão dos corpos naturais com algumas de suas outras qualidades. Nenhuma dessas combinações de eventos, contudo, constitui obstáculo para as imaginações do grosso da humanidade, de modo que não causam espanto, nem qualquer percepção de que falte uma conexão mais precisa entre eles. (SMITH, 1980, p. 45; 2020, p. 205-06)

Vimos acima que, para Smith, a diferença entre o filósofo e o carregador é efeito (e não causa) da divisão do trabalho.<sup>23</sup> De acordo com a passagem que acabamos de ler, perguntar-se sobre a origem dessa busca pelos princípios conectores da natureza é se perguntar pelas origens da filosofia enquanto atividade profissional, do filósofo enquanto especialista, parte integrante de uma ordem social na qual a divisão do trabalho chegou ao ponto de permitir sua existência. As condições desse surgimento são indicadas logo de partida:

Nos primórdios da sociedade, antes que a lei, a ordem e a segurança se estabelecessem, os homens tinham pouca curiosidade em descobrir as cadeias de eventos que unem fenômenos da natureza aparentemente desconexos entre si. (SMITH, 1980, p. 48; trad.bras., 2020, p. 209)

23 Smith inverte a equação corrente à época, que entendia a divisão do trabalho como efeito das diferenças geográficas e individuais (PAES-MÜLLER, 2018, p. 59).

Assim como qualquer outra atividade, ocupação ou negócio – todas as traduções possíveis do termo *trade* –, a filosofia tem sua existência condicionada pelo grau de divisão do trabalho alcançado na sociedade que, por sua vez, como o título do cap. 3 do Livro I da *Riqueza*, aponta, “é limitada pela extensão do mercado”. A passagem citada indica as condições dessa expansão, a passagem seguinte, uma de suas consequências:

quando a lei estabelece a ordem e a segurança, e a subsistência deixa de ser precária, então a curiosidade dos homens aumenta e os seus temores diminuem. O ócio [leisure] de que eles passam a usufruir torna-os mais atentos aos fenômenos da natureza, mais observadores das suas menores irregularidades e mais desejosos de conhecer o encadeamento que os une. (SMITH, 1980, p. 50; 2020, p. 213)

Sob certos aspectos, é quando as relações sociais se tornam reguladas e regulares é que os homens adquirem as condições para enxergar essa mesma regularidade na natureza. Podemos sugerir a seguinte tese: para Smith, a ciência nada mais é que a projeção imaginária de uma regularidade sobre a natureza, o que só seria possível sob uma condição social da qual essa regularidade seja constitutiva. Em outros termos, indivíduos civilizados (é disso que se trata na filosofia de Smith) projetam sobre a natureza a regularidade que experimentam em seus afazeres diários. Nesse ponto, a explicação de Smith não deixa de ecoar a argumentação do ensaio *Do surgimento e progresso das artes e das ciências*, de David Hume: “Da lei surge a segurança; da segurança, a curiosidade; e da curiosidade, o conhecimento” (HUME, 2009, p. 89). Antes do advento da lei e da segurança apenas eventos grandiosos e pouco frequentes conseguiam atrair atenção suficiente para que uma explicação fosse necessária.

Exploreemos um pouco mais essa questão retomando as considerações de Smith sobre o homem selvagem. Para Smith, o que caracteriza a vida nos mais baixos graus de civilização é a precariedade e a incerteza, acima de tudo, a propósito de sua subsistência:

Um selvagem cuja subsistência é precária e cuja vida o expõe diariamente aos mais violentos perigos não tem a inclinação de se aprazer com a busca daquilo que, uma vez descoberto, não parece servir a outro propósito que tornar o teatro da natureza um espetáculo mais coeso para a sua imaginação. (SMITH, 1980, p. 48; 2020, p. 209-10)

Ao contrário do filósofo, filho da civilização e que, consequentemente, fica perplexo mesmo com pequenas incoerências, o selvagem se espanta apenas com as irregularidades mais grandiosas, cujo esplendor ele não pode ignorar. Retomando a verve narrativa de sua escrita, Smith descreve a sucessão de emoções ou estados de espírito que ele acreditava acometer o selvagem quando da observação de fenômenos naturais da ordem de cometas, meteoros, eclipses e trovões:

ele os encara com uma reverência próxima do temor. A sua inexperiência e incerteza quanto a tudo que lhe diz respeito [...] exacerba o seu sentimento até o terror e a consternação. [...] Assim, visto que essas aparições o aterrorizam, o selvagem é propenso a acreditar em tudo que possa torná-los ainda mais o objeto de seu terror. (SMITH, 1980, p. 48; 2020, p. 210)

Aqui entra em cena dois argumentos: primeiro, a ideia de inspiração malebranchiana,<sup>24</sup> de que “todas as nossas paixões justificam a si mesmas, isto é, sugerem-nos opiniões que as justificam” (ibidem) e, segundo, a imaginação como faculdade projetiva e que, em sua primeira figura antropomórfica, projeta na natureza aquilo que esses selvagens encontrariam, em princípio, apenas em si mesmos, a volição e a inteligência:

24 O modo como Smith se apropria da filosofia de Malebranche é um tópico praticamente inexplorado pela literatura secundária. Smith insiste nesse ponto em dois locais (SMITH, 1980, p. 48 e 1976a, p. 157).

A noção de que esses eventos procedam de uma causa inteligente, embora invisível, e que sejam os sinais ou efeitos de sua vingança ou o seu desagrado, é a mais apta de todas as possíveis para intensificar a paixão do selvagem, e é esta, portanto, que ele está mais propenso a acolher. (1980, p. 48; 2020, p. 210)

O terror sugere as ideias de mau-humor e de vingança, daí a peculiar conjectura projetiva de que tais fenômenos extraordinários se devem à (má) vontade de seres sobrenaturais, invisíveis, mas que teriam o poder de voluntariamente afetar o curso ordinário da natureza, a exemplo dos seres humanos.

Mas não é apenas o terror que inspira esse tipo de conjectura antropomórfica, há irregularidades da natureza que são perfeitamente belas e agradáveis. Nesse caso, o mecanismo projetivo permanece o mesmo, mas ao invés de mau-humor e ressentimento, é o bom humor e a gratidão que são projetadas sobre a natureza: “Os antigos atenienses, que puniam solenemente o machado que houvesse causado a morte de um homem por acidente, erigiram altares e ofereceram sacrifícios ao arco-íris” (SMITH, 1980, p. 49; 2020, p. 211). Na *Teoria dos sentimentos morais*, ressentimento e gratidão são longamente analisados, o primeiro estando na base da justiça, o segundo da benevolência, duas das virtudes mais importantes no quadro smithiano. Em sua origem, esse mecanismo imaginário conjectural-projetivo, que no caso de sociedades pouco civilizadas, adquire traços humanos.

Eis a origem do politeísmo e da superstição vulgar que atribui todos os eventos irregulares da natureza às boas graças ou ao descontentamento de seres inteligentes, mas invisíveis, deuses, demônios, bruxas, gênios e fadas. (SMITH, 1980, p. 49; 2020, p. 212)

## 7 Sentimentalismo e liberalismo

Smith insiste que nesses primórdios, apenas eventos irregulares causam espanto, de modo que apenas eles demandavam um esforço explicativo, que era, como vimos, satisfeito através do recurso a essa projeção antropomórfica:

O homem, única potência dotada de intenção [the only designing power] com a qual eles eram familiarizados, não age senão para interromper ou alterar o curso natural que os eventos tomariam se abandonados a si mesmos. Assim, naturalmente, supunham que os outros seres inteligentes que eles imaginavam, mas não conheciam, agissem da mesma maneira: não se empregavam na sustentação do curso ordinário das coisas, o qual se mantinha por si mesmo, mas para interrompê-lo, contrariá-lo ou transtorná-lo. (SMITH, 1980, p. 50; 2020, p. 212-13)

Nesse trecho, deparamo-nos no plano epistemológico com aquela que talvez seja a questão central ao pensamento liberal no século XVIII: o estatuto da intervenção (intencional e planejada – *designed*) no curso ordinário das coisas. Ao se deparar com esse tipo de formulação, costuma-se focar no primeiro elemento, a intervenção e seus elementos (a intenção e o planejamento). O pensamento liberal teria como um de seus temas centrais a delimitação do momento em que esse tipo de intervenção se transforma em interferência, em especial, a partir de uma análise das consequências não intencionais desses atos. Contudo, talvez, seja mais produtivo se voltar ao segundo termo, o curso ordinário das coisas. Uma vez estabelecida a compreensão correta desse curso, o estatuto das intervenções se esclarece e fica fácil delimitar o momento preciso em que uma intervenção se torna uma interferência.<sup>25</sup> A questão do pensamento liberal no século XVIII talvez esteja aí: em que consiste esse curso ordinário do mundo? De onde é possível traçar uma consequência não muito

25 Sobre o estatuto dessa ordem (e das intervenções, em diversos casos, necessárias) na filosofia de Hume, ver Deleule (1979).

frequentemente notada: no século XVIII, o posicionamento político que costumamos denominar de liberal é decorrência de um modo específico de compreensão filosófica a propósito do funcionamento do mundo. A política e a economia são apenas dois dos campos onde esse tipo de compreensão opera, não necessariamente os mais relevantes, certamente não os mais fundamentais.

Nesse sentido, a filosofia de Smith é integralmente liberal, não porque empregue explicações forjadas no campo da economia política, ou em um tipo peculiar de posicionamento político, para explicar outros fenômenos, mas porque concebe a experiência humana em termos que nos acostumamos a restringir ao campo da economia política. Em outras palavras, porque ele enxerga na economia e na política o mesmo problema epistemológico geral que acabamos de analisar na *História*, a saber, em que consiste o curso regular e ordinário das coisas. Uma vez descrito esse último, não é difícil determinar o desdobramento provável das possíveis intervenções e interferências. E é a propósito dessa intervenção que a metáfora da mão invisível aparece nesse texto:

Pois em todas as religiões politeístas cultuadas pelos selvagens, bem como pela antiguidade pagã em seus primórdios, observa-se que apenas os eventos irregulares da natureza é que são atribuídos à intervenção ou poder de seus deuses. O fogo queima e a água refresca, corpos pesados descendem e substâncias mais leves ascendem, tudo pela necessidade de sua própria natureza, sem que jamais se tenha considerado que a mão invisível de Júpiter se ocupasse de tais matérias. Mas trovões e relâmpagos, tempestades e dias ensolarados, esses eventos mais irregulares eram atribuídos ou bem às suas boas graças, ou bem à sua ira. (SMITH, 1980, p. 49-50; 2020, p. 212)

Segundo esse trecho, antes da instauração da lei e da segurança, a ideia de uma mão-invisível era invocada unicamente para explicar os eventos irregulares da natureza, cuja inconstância e imprevisibilidade eram atribuídas à vontade divina concebida nos moldes da vontade humana. No plano epistemológico, a passagem de um estado selvagem para um estado civilizado pode ser mensurado pelo grau de regularidade próprio ao objeto analisado. O que espanta o filósofo, filho da civilização que, por sua vez, é filha da lei e da segurança, não é a irregularidade, mas a regularidade. Essa é uma das lições que Smith extrai de nossa admiração pelo sistema newtoniano, capaz de unir a “queda dos corpos pesado próximos à superfície da Terra e dos outros planetas por um encadeamento mais geral” (SMITH, 1980, p. 104; 2020, p. 289), em uma descrição que nem o mais cético pode furtar-se a reconhecer:

mesmo nós, que nos esforçamos em representar todos os sistemas filosóficos como meras invenções da imaginação que de outro modo permaneceriam desconexos e discordantes, fomos insensivelmente atraídos por ele, a usar a linguagem que expressa os princípios de reunião desse sistema, como se eles fossem as verdadeiras correntes que a natureza utiliza para juntar suas muitas operações. Podemos imaginar que ele merece total a aprovação geral e completa do gênero humano, e ser considerada não um esforço para conectar na imaginação os fenômenos dos céus, mas a maior descoberta já feita pelo homem: a descoberta de uma imensa cadeia das mais importantes e sublimes verdades, ligadas estreitamente entre si por um fato capital da realidade que experimentamos diariamente.<sup>26</sup> (SMITH, 1980, p. 105; 2020, p. 290)

26 No original: “And even we, while we have been endeavouring to represent all philosophical systems as mere inventions of the imagination, to connect together the otherwise disjointed and discordant phaenomena of nature, have insensibly been drawn in, to make use of language expressing the connecting principles of this one, as if they were the real chains which Nature makes use of to bind together her several operations. *Can we wonder* then, that it should have gained the general and complete approbation of mankind, and that it should now be considered, not as an attempt to connect in the imagination the phaenomena of the Heavens, but as the greatest discovery that ever was made by man, the discovery of an immense chain of the most important and sublime truths, all closely connected together, by one capital fact, of the reality of which we have daily experience.” (SMITH, 1980, p. 105 – itálicos meus). Como a leitura do trecho original nos aponta, o último parágrafo emprega o termo *wonder* no sentido de uma interrogação (o que é perdido na tradução). A pergunta é retórica, afinal, para Smith (como para qualquer filósofo iluminista) não causa espanto algum que o sistema newtoniano tenha alcançado a aprovação universal.

O sistema newtoniano é construído de tal modo que o espanto que ele nos causa é a sua aprovação universal, a admiração generalizada que sua grandeza e beleza comandam. Para Smith, o leitor dos *Princípios matemáticos da filosofia da natureza* não pode deixar de se perguntar se ele estaria diante não apenas de um mero sistema imaginário, mas das próprias engrenagens da natureza. Confusão que o amor de sistema de gerações de astrofísicos, cada vez mais especializados em seus ofícios, acabaria por finalmente dissipar.

## Conclusões

Uma das dificuldades em se lidar com a obra de Adam Smith é o contraste entre a sua pequena extensão e o enorme escopo de questões e problemas ali tematizados. Em nenhuma obra esse escopo é mais amplo do que nos *Ensaios filosóficos*. O presente artigo explorou apenas o trecho introdutório da *História da astronomia*, em particular os sentimentos de espanto e admiração e o modo como eles orientam a construção de teorias científicas. A partir deles pudemos apresentar uma formulação alternativa de algumas questões centrais da *Teoria dos sentimentos morais* e da *Riqueza das nações*. Algumas delas são aplicações particulares de princípios desenvolvidos nessas obras (análise dos efeitos da divisão do trabalho sobre o trabalho científico e da introdução da lei e da segurança), outros são formulações mais gerais de argumentos e teses apresentados em um contexto mais restrito (aprazibilidade da percepção da semelhança e papel constitutivo das paixões/sentimentos). Há um terceiro grupo de questões que aparecem apenas nos *Ensaios* (em particular a discussão sobre os princípios gerais ordenadores de nossa experiência, dentre eles os sentimentos de espanto e admiração, mas também a discussão sobre a operação dos sentidos externos, os tipos de percepção, o papel da imitação e da linguagem, temas não trabalhados nesse artigo). O presente artigo buscou mostrar como esses textos podem ajudar na compreensão do projeto filosófico de Smith, projeto que acredito envolva a generalização do sentimentalismo moral apresentado na *Teoria*.

## Referências

- BERRY, Christopher. *Social Theory of Scottish Enlightenment*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1997.
- \_\_\_\_\_. *The Idea of Commercial Society in the Scottish Enlightenment*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Essays on Hume, Smith and the Scottish Enlightenment*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2018.
- BIZIOU, Michaël. *Adam Smith et l'origine du libéralisme*. Paris: Presses Universitaires de France, 2003.
- BROADIE, Alexander. *The Scottish Enlightenment*, Edinburgh: Birlinn, 2001.
- \_\_\_\_\_. (org.) *The Cambridge Companion to the Scottish Enlightenment*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- BROWN, Vivienne. *Adam Smith's Discourse*, London: Routledge, 1994.
- CAMPBELL, T. D. *Adam Smith's Science of Morals*. London: George Allen and Unwin, 1971.
- CERQUEIRA, Hugo E. A. da Gama. A Mão Invisível de Júpiter e o Método Newtoniano de Smith. *Estudos econômicos*, São Paulo, v. 36, n. 4, 2006a.
- \_\_\_\_\_. Adam Smith e seu contexto: o iluminismo escocês. *Economia e Sociedade*, Campinas, v. 15, n. 1 (26), 2006b.
- COUSIN, Victor. *Philosophie écossaise*. Paris: Librairie Nouvelle, 1857.
- DELEULE, Didier. *David Hume et la naissance du libéralisme économique*, Paris: Aubier, 1979.
- DELEUZE, Gilles. *A filosofia crítica de Kant*. Lisboa: Edições 70, 2000.
- DIATKINE, Daniel. *Adam Smith. La découverte du capitalisme et de ses limites*. Paris: Seuil, 2019.
- FLEISCHACKER, Samuel. *On Adam Smith's "Wealth of Nations": A Philosophical Companion*. Princeton: Princeton University Press, 2004.
- GREINER, Rae. *Sympathetic Realism in Nineteenth-century British Fiction*. Baltimore: John Hopkins University Press, 2012.

- GRISWOLD, Charles L. *Adam Smith and the Virtues of Enlightenment*, Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- HAAKONSSSEN, Knud. (org.) *The Cambridge Companion to Adam Smith*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- HANLEY, R.P. *Adam Smith and the Character of Virtue*, Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- HUME, David. *A arte de escrever ensaio* (Pedro P. Pimenta; Márcio Suzuki, trads.; Pedro P. Pimenta, org.). São Paulo: Iluminuras, 2009.
- JAFFRO, Laurent. (org.). *Le sens moral. Une histoire de la philosophie morale de Locke à Kant*. Paris: Presses Universitaires de France, 2000.
- MARSHALL, David. *The Figure of Theater. Shaftesbury, Defoe, Adam Smith and George Eliot*. New York: Columbia University Press, 1986.
- MCKENNA, Stephen J. *Adam Smith. The Rhetoric of Propriety*. New York: State University of New York, 2006.
- PAES-MÜLLER, Leonardo André. *Comércio e sociabilidade: a economia política nas décadas de 1750 e 1760*. *Analytica (UFRJ)*, v.22, nº2, pp.50-83, 2018.
- \_\_\_\_\_. *Imaginação e moral em Adam Smith. Estudo sobre a Teoria dos sentimentos morais*. São Paulo: Alameda, 2022.
- PARASCHAS, Sotirios. *The Realist Author and Sympathetic Imagination*. London: Legenda, 2013.
- RAPHAEL, D.D. *Adam Smith: philosophy, science, and social science*. In BROWN, Stuart C. (ed). *Philosophers of Enlightenment*. Sussex: Harvester, 1979.
- RASSMUSSEN, Dennis C. *The Problems and Promise of Commercial Society: Adam Smith's Response to Rousseau*, University Park: Pennsylvania State University Press, 2008.
- RODRIGUES, Alexandre Amaral. *As concepções econômicas de Adam Smith: Entre a ambição e a parcimônia*. São Paulo: FFLCH-USP (tese de doutorado), 2017. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-02022018-114751/pt-br.php>
- SCHLIESSER, Eric. *Adam Smith. Systematic Philosopher and Public Thinker*. Oxford: O.U.P., 2017.
- SMITH, Adam. *The Theory of Moral Sentiments* (D.D. Raphael; A.L. Macfie, eds.). In *The Glasgow Edition of the Works and Correspondence of Adam Smith* (Vol.I). Oxford: Clarendon Press, 1976a.
- \_\_\_\_\_. *An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations* (R.H. Campbell; A.S. Skinner, eds.). In *The Glasgow Edition of the Works and Correspondence of Adam Smith* (Vol. II em dois livros). Oxford: Clarendon Press, 1976b.
- \_\_\_\_\_. *Essays on Philosophical Subjects* (W.P.D. Wightman, ed.). In *The Glasgow Edition of the Works and Correspondence of Adam Smith* (Vol. III). Oxford: Clarendon Press, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Lectures on Rhetoric and Belles Lettres* (J.C. Bryce, ed.). In *The Glasgow Edition of the Works and Correspondence of Adam Smith* (Vol. IV). Oxford: Clarendon Press, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Lectures on Jurisprudence* (R.L. Meek; D.D. Raphael; P.G. Stein, eds.). In *The Glasgow Edition of the Works and Correspondence of Adam Smith* (Vol. V). Oxford: Clarendon Press, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Correspondence of Adam Smith* (E.C. Mossner; I.S. Ross, ed.). In *The Glasgow Edition of the Works and Correspondence of Adam Smith* (Vol. VI). Oxford: Clarendon Press, 1977.
- \_\_\_\_\_. *Teoria dos Sentimentos Morais* (L Luft, trad.). São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- \_\_\_\_\_. *A Riqueza das Nações* (A.A. Rodrigues, trad.). São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Ensaio filosóficos* (A.A. Rodrigues; P.F. Galé, orgs.). São Paulo: Editora Unesp, 2020.
- SKINNER, Andrew. *A system of social science*, Oxford: Clarendon Press, 1996.
- WASZEK, Norbert. *The Scottish Enlightenment and Hegel's Account of 'Civil Society'*. Dordrecht: Kluwer, 1988.
- \_\_\_\_\_. *L'Écosse des lumières : Hume, Smith, Ferguson*. Paris: Presses Universitaires de France, 2003.